

## Entrevista

# Os aprendizados e desafios com avaliações em inclusão produtiva, uma entrevista com Marianne Bertrand

Learnings and challenges with assessments in productive inclusion, an interview with Marianne Bertrand

Maure Roder Pessanha<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Artemisia Negócios Sociais, São Paulo, SP, Brasil

Maure Roder Pessanha, branca,  
presidente, Artemisia Negócios Sociais.

**COMO CITAR:** Pessanha, Maure Roder (2023). Os aprendizados e desafios com avaliações em inclusão produtiva, uma entrevista com Marianne Bertrand. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(2 spe), e121023. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312010>

## Resumo

Nos últimos anos, o campo da inclusão produtiva ganhou relevância no Brasil e tornou-se cada vez mais um assunto de discussão entre os formuladores de políticas públicas e a sociedade civil. Nesse contexto, a necessidade de avançar na agenda de monitoramento, avaliação e aprendizagem das intervenções sociais tornou-se estratégica. Em 2021, o *Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab* (J-PAL), centro de pesquisa global que realiza avaliações de impacto randomizadas para responder a perguntas críticas na luta contra a pobreza, lançou no Brasil a Iniciativa de Empregos e Oportunidades (JOI) que busca gerar evidências científicas sobre políticas públicas relacionadas com as principais questões do mercado de trabalho brasileiro. Reconhecendo o papel que o J-PAL tem desempenhado no campo da avaliação de forma mais ampla e específica em relação à agenda de inclusão produtiva por meio da JOI, a professora Marianne Bertrand, líder acadêmica da iniciativa, foi convidada para uma entrevista. Nascida na Bélgica, a professora Marianne Bertrand formou-se em Economia pela Université Libre de Bruxelles da Bélgica em 1991, seguido de um mestrado em Econometria pela mesma instituição no ano seguinte. Ela se mudou para os Estados Unidos em 1993 e obteve um Ph.D. em Economia pela Harvard University em 1998. Foi membro do corpo docente do Departamento de Economia da Princeton University por dois anos antes de ingressar na Chicago Booth em 2000, onde atua como professora distinta do Centro para Inovação Social do Chicago Booth's Rustandy e diretora do Pritzker do Laboratório de Economia Inclusiva da Universidade de Chicago. Atualmente, ela é uma das lideranças globais do setor de mercado de trabalho do J-PAL.

**Palavras-chave:** Avaliação. Estudos clínicos randomizados. Inclusão produtiva. Mercado de trabalho.

## Abstract

In recent years, the field of productive inclusion has gained relevance in Brazil and has increasingly become a subject of discussion among policymakers and civil society. In this context, the need to advance the agenda of monitoring, evaluation, and learning of social interventions has become strategic. In 2021, the Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL), a global research center that conducts randomized impact evaluations to answer critical questions in the fight against poverty, launched the Jobs and Opportunities Initiative (JOI) in Brazil. The initiative aims to generate scientific evidence on public policies related to key issues in the Brazilian labor market. Recognizing the role that J-PAL has played in the field of evaluation, both broadly and specifically regarding the productive inclusion agenda through the Jobs and Opportunities Initiative, Professor Marianne Bertrand (the academic leader of the initiative) was invited for an interview. Born in Belgium, Professor Marianne Bertrand graduated in Economics from the Université Libre de Bruxelles in Belgium in 1991, followed by a master's degree in Econometrics from the same institution the following year. She moved to the United States in 1993 and obtained a Ph.D. in Economics from Harvard University in 1998. She was a faculty member in the Department of Economics at Princeton University for 2 years before joining the Chicago Booth in 2000, where she serves as a Distinguished Professor at the Rustandy Center for Social Innovation and director of the Pritzker Economics Inclusive Growth Lab at the University of Chicago. Currently, she is one of the global leaders in the labor market sector of the J-PAL.

**Keywords:** Evaluation. Randomized controlled trials. Productive inclusion. Labor market.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

**Recebido:** Maio 10, 2023

**Aceito:** Maio 16, 2023

**\*Autor correspondente:**

Maure Roder Pessanha

**E-mail:** maure@artemisia.org.br

**Instituições Parceiras:** Fundação Arymax e Fundação Tide Setubal



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



**Maure Pessanha:** *Profa. Bertrand, a senhora possui inúmeras pesquisas publicadas nos campos da economia do trabalho, finanças corporativas, economia política e economia do desenvolvimento. Além disso, realiza pesquisas no âmbito do Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL). O que a levou a trabalhar especificamente com a agenda da avaliação?*

**Marianne Bertrand:** Eu sou economista por formação. Fiz o meu doutorado há muito tempo. Há uma série de pesquisas feitas na academia, algumas são mais teóricas, outras são muito mais práticas. Sempre me interessei por questões muito práticas, como as referentes ao emprego, discriminação no mercado de trabalho e como melhorar o cenário da vida das pessoas. Então, mesmo antes de ser vinculada a toda a agenda do J-PAL, meu interesse de pesquisa sempre foi muito prático. Hoje, dentro do J-PAL, trabalhamos com estudos clínicos randomizados (ECRs) que são suficientemente rigorosos para serem convincentes para um formulador de políticas públicas que está tentando descobrir o que fazer como próximo passo. Então, resumidamente, há uma sobreposição muito natural entre meus próprios interesses pessoais e questões muito práticas, tentando entender políticas, o que funciona e o que não funciona, e o uso da ferramenta de controle aleatório, utilizada pelo J-PAL, como uma maneira de responder a essas perguntas.

**Maure Pessanha:** *O que essa avaliação prática traz para as instituições e para a sociedade?*

**Marianne Bertrand:** Pensando em toda a área de políticas públicas, temos a limitação de gastos do governo. Dispomos de margem financeira limitada para governos e organizações sem fins lucrativos, e o que o mundo avaliativo traz é uma forma de otimizar a alocação destes escassos recursos financeiros para programas e políticas que realmente estão fazendo a diferença. Se aprendermos com essas ferramentas de avaliação que alguns dos programas em que gastamos a maior parte do nosso dinheiro simplesmente não são eficazes, isso deve ser um alerta para repensá-los. Então, trata-se realmente de uma avaliação que é usada como forma de otimizar a alocação de recursos públicos escassos.

**Maure Pessanha:** *Em 2020, o J-PAL lançou a Iniciativa Empregos e Oportunidades (JOI) que tem o objetivo de gerar evidências robustas sobre políticas que abordam os desafios urgentes do mercado de trabalho. Já em maio de 2021, o J-PAL lançou a JOI Brasil para repetir as ações da JOI para o contexto brasileiro, no qual a senhora é uma das líderes acadêmicas. Sei que a iniciativa ainda é recente, mas quais são os desafios enfrentados por essa agenda no Brasil?*

**Marianne Bertrand:** Estou começando a aprender mais sobre a sociedade brasileira e as condições do mercado de trabalho do país. Mas, de muitas maneiras, acho que os temas que ouço no Brasil são muito semelhantes a outras partes do mundo onde me debrucei mais profundamente. Primeiramente, existe uma questão de criação de emprego, especialmente para os países que estão em crescimento, o que é um desafio. Criar oportunidades suficientes no mercado de trabalho dentro de um cenário com mudanças tecnológicas que estão tornando os empregos cada vez menos disponíveis à medida que os seres humanos estão sendo substituídos por máquinas ou automatizados e seus correlatos. Além da criação de empregos em si, há realmente uma grande diferença entre bons empregos e empregos ruins e como garantir a igualdade de acesso a bons empregos, também sob a perspectiva de gênero e/ou grupos raciais. Eu faço muitos trabalhos nos Estados Unidos sobre a participação feminina no mercado de trabalho e sobre questões de discriminação racial. Obviamente, o Brasil também tem problemas muito semelhantes. Outra questão comum entre países é a mobilidade social. Temos sociedades que estão se tornando cada vez mais estratificadas socialmente, nas quais, se você tiver nascido em um ambiente de rico, suas chances de acessar bons empregos serão muito maiores. Portanto, devemos nos perguntar como podemos melhorar a mobilidade social. Além disso, há situações em que há empregos, mas as pessoas podem não ter o conhecimento e a informação necessária para realmente acessá-los. Esse é outro tema que estamos trabalhando na J-PAL na iniciativa global, mas que também vemos emergir no contexto brasileiro.



**Maure Pessanha: Metodologicamente falando, que abordagens têm sido utilizadas nas avaliações de programas em inclusão produtiva? Há espaço para outras metodologias, além dos estudos clínicos randomizados (ECRs)?**

**Marianne Bertrand:** Sempre há espaço para outras formas de avaliação, além dos estudos clínicos randomizados. Haverá circunstâncias em que os estudos clínicos randomizados simplesmente não serão viáveis e isso não significa que ainda não devamos continuar a aprender algo. Sabemos, no entanto, que temos que ter cuidado quando tentamos obter conhecimento de outras formas de avaliações que podem não ser tão rigorosas. Muitas organizações podem acompanhar os resultados dos seus programas ou políticas simplesmente observando o que acontece com as pessoas ao longo do tempo. No entanto, acho que deve ficar bastante claro que há muitos fatores que confundem quando se usa apenas o tempo para avaliar o resultado de um programa. Por exemplo, o fato de as pessoas terem passado por uma intervenção em que a economia entrou em recessão durante um período do tempo poderá fazer com que se acredite que elas tenham se saído pior por causa do programa, mas isso não é em razão do programa, e sim porque a economia está entrando em recessão. Existem outras ferramentas que podem ser utilizadas, além dos estudos clínicos randomizados. Nós temos o método quase experimental, e eu o uso em alguns dos meus outros trabalhos. Podemos usar os dados inteligentemente e encontrar o que chamamos de variação exógena, que nos dá um gancho para realmente tentar olhar para o impacto causal. Quando realmente queremos olhar para o impacto causal de utilizar o programa, acredito que os estudos clínicos randomizados são mais adequados.

**Maure Pessanha: Marianne, quais são desafios avaliando programas e também fazendo com que essa evidência funcione para os formuladores de políticas e para a sociedade como um todo?**

**Marianne Bertrand:** Para mim, essa é uma questão muito ampla. Às vezes, as pessoas podem não gostar da ideia de fazer um estudo clínico randomizado (ECR), porque elas não gostam dos caminhos. Vamos pensar no exemplo concreto de um programa de treinamento. O pesquisador está tentando entender como determinado programa de treinamento está ajudando as pessoas a acessar empregos e a acessar bons empregos. A ideia do ECR seria pegar um grupo de 100 pessoas, lançar uma moeda e dar a 50 dessas pessoas o acesso a esse programa de treinamento, enquanto as outras 50 não terão acesso. Sempre que o pesquisador estiver em uma situação em que só tenha recursos para oferecer a 50 pessoas, isso não deve ser ofensivo. A ideia de jogar a moeda para avaliar quem serão as 50 pessoas com acesso ao programa parece ser uma maneira muito justa de alocar as coisas, em vez de, por exemplo, dar acesso aos seus amigos e não dar acesso aos seus inimigos. Mas há certo desconforto com a ideia de randomizar para muitas organizações sem fins lucrativos e, às vezes, até mesmo para formuladores de políticas. Na maioria dos casos em que pudermos fazer nossos ECRs, o cenário será como o que acabei de descrever, pois só se pode servir a uma quantidade limitada de pessoas, porque os recursos são limitados. Então, parece totalmente aceitável, na minha percepção, apenas fazer a randomização. Além de todas as dificuldades práticas de rodar a pesquisa, um aspecto fundamental é saber como comunicar os resultados. Eu acho que é muito importante ir além da pesquisa e garantir que ela seja traduzida de uma maneira fácil de entender para os formuladores das políticas. Essa é uma das coisas que o J-PAL tem feito muito bem. O fato de haver equipes que se dedicam apenas a comunicar o resultado da pesquisa o torna um ótimo parceiro para pesquisadores que realmente se importam não apenas em publicar artigos, mas realmente se preocupam em fazer a diferença. O trabalho de tradução e comunicação é árduo, mas é muito importante.

**Maure Pessanha: Como os formuladores de políticas e programas podem usar as evidências trazidas pelas pesquisas para realmente implementar as políticas? A que aspectos devem prestar mais atenção, quer dizer, como colocamos todo esse conhecimento de forma prática, em campo?**

**Marianne Bertrand:** A evidência está sendo produzida em um contexto particular e os formuladores também operam em determinado contexto. Os formuladores que operam em um contexto em São Paulo podem operar em contexto diferente aos de Recife.



É importante ter a certeza de que os estrategistas econômicos utilizam evidências que são relevantes para o contexto específico. Se fizermos uma pesquisa: quanto das coisas que aprendemos na Costa do Marfim são relevantes para os formuladores de políticas públicas do Brasil? Acho que essa é uma pergunta difícil. Temos uma palavra que usamos na Escola de Economia, que é validade externa. Fazer um estudo clínico randomizado (ECR) e tudo o que o pesquisador estiver aprendendo com esse método é sempre válido internamente, ou seja, válido dentro do contexto particular em que o pesquisador está. Extrapolar esse aprendizado é difícil para qualquer tipo de pesquisa, não apenas para os ECRs. Esse é um dos fatores mais interessantes da iniciativa JOI Brasil, pois estamos realmente tentando aprender dentro do contexto especificamente brasileiro. Outro desafio é que os ECRs podem ser lentos e, às vezes, os formuladores das políticas não têm paciência para esperar pelos resultados. Vamos dizer que você acaba de se deparar com uma decisão que tem que ser tomada muito rapidamente. Se eu estou tentando avaliar se determinado programa de treinamento está ou não funcionando e eu recorro aos ECRs para fazê-lo, terei que esperar não apenas que o programa termine, mas que as pessoas cheguem ao mercado de trabalho. Terei que esperar, às vezes, alguns anos para saber se o programa foi realmente eficaz ou não. E, muitas vezes, os estrategistas econômicos, que têm muitas restrições e operam em ciclos, podem simplesmente não ter paciência para esperar. Eu acho que isso é realmente uma complicação prática não trivial.

**Maure Pessanha: Existem desafios específicos em termos de realização de avaliações no setor do mercado de trabalho. A senhora poderia se aprofundar em quais são os outros desafios quando estamos pensando especificamente no setor do mercado de trabalho?**

**Marianne Bertrand:** Há um desafio muito grande quando se trata do setor de inclusão produtiva. Digamos que o problema é como a dança das cadeiras. Pode-se ter um programa que está ajudando as pessoas, mas se há apenas um número fixo de empregos na economia e você não está criando nenhuma nova oportunidade de emprego, o programa pode ajudar a colocar as pessoas nesses empregos, mas tirar empregos das pessoas que não entraram no programa. Portanto, pode haver repercussões de determinado programa no mercado de trabalho sobre outros grupos. Pense em um programa que é sobre ajudar os desempregados a encontrar empregos. Bem, vamos supor que você não está criando um emprego. Há apenas um número fixo de empregos na economia e você faz um estudo clínico randomizado com um programa que é sobre ajudar os desempregados. Talvez os desempregados encontrem empregos, mas isso é em detrimento das pessoas que não receberam este apoio adicional para encontrá-los. Isso é uma das dificuldades específicas nas avaliações de programas e políticas no contexto da inclusão produtiva.

**Maure Pessanha: O que a senhora tem encontrado de positivo sobre fazer pesquisa de inclusão produtiva no Brasil?**

**Marianne Bertrand:** O que é particularmente empolgante em fazer o trabalho que estamos fazendo no Brasil é que, ao contrário de muitos outros países, o Brasil possui dados administrativos incríveis. Vocês têm conjuntos de dados muito ricos que certamente são usados há muito tempo para outros métodos de pesquisa, mas o poder de combinar estudos clínicos randomizados com o acesso a esses conjuntos de dados administrativos é realmente muito positivo. Digamos que você trabalha na África, onde você não tem bons dados administrativos para olhar para os ganhos das pessoas ou o desempenho educacional. O pesquisador, nesse caso, terá que ir a campo e fazer pesquisas com as pessoas para acessar esses resultados. No Brasil, esse não é o caso. Muitos dos resultados que você está tentando alterar com os programas que você está executando podem estar rastreados nesses conjuntos de dados administrativos. Isso torna possível aprender a um custo muito menor comparado a um ambiente onde o pesquisador tem que continuar a coletar pesquisas para ver se o programa está ou não fazendo a diferença. Então, estou muito animada por fazer esse tipo de avaliação em um ambiente onde você pode realmente vincular os ECRs a esses conjuntos de dados administrativos.



**Maure Pessanha: Para encerrar a nossa entrevista, qual é, a seu ver, a importância da agenda da inclusão produtiva no desenvolvimento global?**

**Marianne Bertrand:** O que é mais importante para as pessoas do que encontrar bons empregos que as ajudem a ter uma vida decente, criar seus filhos, educá-los, ser capazes de ascendê-los socialmente e investir nas crianças? Acho que não vejo nada muito mais central quando se pensa em mercados, especialmente os emergentes, que não seja dar às pessoas o acesso a bons empregos, porque é realmente sobre isso que as famílias serão construídas. Acredito que a raiz do bem-estar e de uma boa vida é ter acesso a um emprego decente. É por isso que me preocupo tanto com essa causa.

**Fonte de financiamento**

Não há.

**Conflito de interesse**

Não há.

**Agradecimentos**

Agradeço a Vahíd Vahdat pela colaboração e apoio para realização da entrevista.